

Novos rumos para a medicina indígena

Saúde, por si só, já é um tema vastíssimo. Envolve desde aspectos puramente científicos até temas intrincados como política, economia, sociedade e religião.

Em se tratando de medicina indígena, vê-se que o tema se torna ainda mais complexo.

Apesar de se ter muitos trabalhos e estudos sobre povos indígenas, Saúde não tem sido o tema preferido desses estudiosos.

Ultimamente vários trabalhos têm lançado luz nova sobre este tema. Temos como exemplos:

- As reflexões que se têm feito nas Assembléias do Cimi e seus encontros nacionais de estudos sobre saúde indígena (Goânia, em 1978, e Cuiabá, em 1980);

- Diagnóstico de saúde de populações indígenas do Interior do Estado de S. Paulo, do Dr. Rubens Belluzo Branco (*Rubão*, de saudosa memória).

- Trabalhos realizados pela EPM (Escola Paulista de Medicina) junto a três grupos indígenas;

- Trabalhos de pesquisa do Dr. João Botelho Vieira Filho, José Gilberto Henrique Vieira e Neil Ferreira Novo;

- Encontros de estudo sobre ervas medicinais realizados com a orientação dos Pajés e conhecedores de plantas, organizados pelo Regional Cimi-MT, com participação de quatro Nações, e outros.

Para se encaminhar qualquer trabalho de saúde é preciso, primeiro: conhecimento da área ou do povo com quem se vai trabalhar; e segundo, ter em mente que não é só "o não deixar morrer o doente" que define um trabalho de saúde, por melhor que venha a ser este tratamento.

O que se tem feito e, diga-se de passagem, com muito empenho e grande esforço ao longo dos anos, tem sido basicamente isso: tratamento dos doentes, tanto pelas Missões religiosas como por órgãos oficiais. Esse fato não deixa de ter seu mérito. No caso das Missões, o tratamento dos doentes tem sido a grande preocupação e podemos notar nestas comunidades um aumento populacional significativamente grande. Por outro lado, não podemos esquecer a dependência em que se encontram esses povos em relação aos nossos medicamentos e às nossas formas de tratamento. Esse aspecto tem preocupado ultimamente muitos missionários. Novas formas de trabalho junto a essas comunidades estão surgindo e, na medida do possível, sendo levadas à prática. Uma delas é a formação de atendentes indígenas que estejam a serviço da comunidade.

Desta formação dos atendentes derivam várias interrogações:

-preparamos atendentes "eficientes", com capacidade e habilidade de manuseio de medicamentos e aparelhos tal qual nós o fizemos?

-remuneramos esse pessoal? (e é isso que o órgão oficial vem fazendo, com graves problemas e alterações da estrutura tribal e comunitária);

Podemos, ainda, nos fazer outras interrogações:

-deixamos a cura dos doentes e a prevenção ao Pajé, figura que em muitos lugares já desapareceu?

-continuamos tratando e prevenindo as "nossas doenças" e deixamos as doenças "mais simples" para o Pajé ou aos co-

nhecedores de "remédio do mato"?

-tentamos formas de estudos e reflexão nas comunidades, a partir da prática, encaminhando no sentido da redescoberta dos valores da medicina autóctone e da necessidade, em determinados momentos, da medicina científica— ou "medicina do branco" como é chamada pelos índios— formando, para isso, atendentes eficientes mas que respeitem a forma própria de tratamento na tribo?

Parece-nos que esta última forma de encarar o problema tem sido a mais sensata, no momento.

Como foi dito acima, várias tentativas estão sendo feitas neste sentido, e os resultados têm sido compensadores.

Algumas aldeias e tribos já podem contar com atendentes, razoavelmente treinados no desempenho de tarefas anteriormente realizadas por elemento estranho à comunidade tribal, e que respeitam e entendem que o tratamento do Pajé, em muitos casos, é necessário. Esses atendentes, assim treinados, tomam muitas vezes a iniciativa de chamar o Pajé, que, por sua vez, não tem nenhuma dificuldade em colaborar e realizar seus trabalhos, uma vez que se colocou à disposição dos atendentes: "Quando vocês tiverem um doente na farmácia e precisarem que eu ajude, é só chamar que eu venho." (Encontro de Estudo sobre Medicina Indígena, com orientação dos Pajés - Rikbaktsa Aldeia da Curva - Ver *PORANTIM* nº 51).

Não se trata de antagonizar: Medicina científica x Medicina indígena. "Uma devolução da medicina indígena usurpada, para essas populações representaria um abandono total" (Dr. Paulo B. Vieira Filho - E.P.M. SP, 1979).

A proposta não é a devolução pura e simples da medicina indígena. Seria desconhecer o estágio atual de "contatos" e contaminação das mais variadas doenças deixadas como herança a estas populações imunologicamente desprotegidas. Trata-se de estabelecer um convívio harmônico tanto quanto possível. Cada caso é um caso e cada situação é diferente. Sabemos, também, que a situação de saúde não é um fato isolado e não se dá por acaso, por mais que métodos sofisticados e apropriados a cada comunidade no controle e/ou combate das doenças, sejam usados. Ela é parte integrante de um processo político e econômico muito mais amplo, onde, no caso das comunidades indígenas, a posse da terra é um fator determinante.

Mas uma coisa é certa: se queremos ajudar esses povos e essas comunidades a reconquistarem ou a fortalecerem sua força moral e social, a se identificarem como povo e, como tal, lutarem por seus direitos e autodeterminação, o aspecto Saúde não pode ficar esquecido.

(Rosirene Nascimento)



Ilustração de Marlene